Uma doutrina que resiste ao «*fim da História*»: *O Socialismo Democrático 1864-1960*, de Jacques Droz

Alberto Colino Cafussa

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/301>

DOI: 10.4000/mulemba.301

ISSN: 2520-0305

Editora

Edições Pedagogo

Edição impressa

Data de publicação: 1 novembro 2014

Paginação: 577-583

ISSN: 2182-6471

Refêrencia eletrónica

Alberto Colino Cafussa, «Uma doutrina que resiste ao «*fim da História*»: *O Socialismo Democrático 1864-1960*, de Jacques Droz», *Mulemba* [Online], 4 (8) | 2014, posto online no dia 20 novembro 2016, consultado o 26 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/301> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/mulemba.301>

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 janeiro 2021.

Tous droits réservés

Uma doutrina que resiste ao «fim da História»: O Socialismo Democrático 1864-1960, de Jacques Droz

Alberto Colino Cafussa

NOTA DO AUTOR

Texto da apresentação pública da tradução da obra de Jacques Droz, *O Socialismo Democrático 1864-1960* (Tradução de Sílvia Cunha Neto; revisão de Isabel Henriques e Pedro M. Patacho. Luanda, Edições Mulemba; Mangualde, Edições Pedagogo, 2014, 418p. [«Horizontes das Ciências Sociais e Humanas, n.º 1», colecção coordenada por Virgílio Coelho], lido por ocasião das «Actividades alusivas a abertura do II semestre do ano lectivo de 2014», no anfiteatro da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN) em Luanda, no dia 20 de Agosto de 2014.

- 1 Confesso que não foi fácil acreditar que tinha sido eu o escolhido para a apresentação da obra *O socialismo democrático*, de Jacques Droz. Primeiro, devido à elevada estatura científica do seu autor; segundo, porque o tema não me pareceu familiar. Como poderão perceber, a incredulidade e a ansiedade levou-me à impotência, até que a razão se sobrepôs a outras partes da alma: o desejo e o ânimo. Como dizia Platão (1971), se o desejo induz o homem a buscar as coisas exteriores a si próprio, a razão revela a melhor maneira de as conseguir e, como recompensa, vem o sentimento de reconhecimento e do amor-próprio, o ânimo.
- 2 O desejo de reconhecimento, como refere Francis Fukuyama (2011), e as inerentes emoções de ira, vergonha e orgulho, constituem elementos da personalidade humana que são cruciais para a vida política. Hegel classifica esses elementos como o motor de todo o processo histórico. Pois, o desejo de ser reconhecido como um ser humano digno conduziu o homem, no início da história, a uma sangrenta batalha mortal pelo prestígio. O resultado desta batalha foi uma divisão da sociedade humana numa classe

de senhores, que se dispunham a arriscar as suas vidas, e numa classe de escravos, que cederam ao receio natural de morte.

- 3 Foi com esta percepção que nos lançamos ao desafio, aliás, outra opção não teríamos, uma vez que, antes dos nossos desejos, está a razão e o ânimo dos fins que a nossa organização persegue... Graças a esta tomada de consciência, a nossa primeira impressão de considerar a obra de Jacques Droz um produto de uma História sem chances de sobreviver às dinâmicas do presente, foi irremediavelmente contrariada pela leitura minuciosa do *Socialismo Democrático 1864-1960*.
- 4 Percebemos, pois, que estávamos a incorrer no erro de Francis Fukuyama, para quem o colapso do comunismo ditava o fim da História: entenda-se, o fim da arena em que duas ideologias se digladiavam pelo domínio da humanidade. Fukuyama anunciava a vitória final da democracia liberal sobre o comunismo, ou mesmo, sobre o socialismo democrático. Dito de outra forma, nem Marx nem mesmo Keynes seriam chamados para a nova sociedade construída na base das liberdades, sendo o *laissez-faire*, de Adam Smith, o dogma do capitalismo selvagem, eufemisticamente designado por liberalismo económico.
- 5 Os factos têm vindo a contrariar a profecia de Fukuyama, quando, nos próprios países capitalistas, o aparelho do poder se vê entalado entre o crescente egoísmo dos ricos e a profundidade da indigência da maioria da população, que tem no voto a arma para forçar a mudança da sua condição.
- 6 Todavia, Fukuyama não foi o primeiro a cometer erros de cálculos num momento de euforia. Hegel já o fizera, quando, no auge das revoluções americana e francesa, afirmava que a história tinha chegado ao fim, porque a aspiração que impulsionara o processo histórico havia sido satisfeita numa sociedade caracterizada pelo reconhecimento universal e recíproco.
- 7 Os factos decorrentes desses avanços vieram a demonstrar ao intelectual alemão, que a história só estava a começar..., tais foram as transformações sociais e políticas que o planeta terra se tornaria num verdadeiro palco de disputas entre governantes e governados, nobreza e clero, empregadores e sindicatos, poder político e proletariado, capitalismo, comunismo esocialismo democrático. É este período que Jacques Droz radiografa de forma engenhosa.
- 8 Estamos a falar de um homem que nasceu em 1909, num desses palcos da revolução e na entrada de um séculoturbulento em que o acumular de ódio redundaria em duas guerras sangrentas entre povos da mesma civilização, desembocando numa outra «guerra» sem confrontação: a Guerra-Fria.
- 9 A história desenrola na chamada Europa Ocidental, com maior incidência para Inglaterra, França, Alemanha e Itália. Pois, foi nesses Estados em que se estabeleceu, no decorrer do século XIX, o quadro constitucional que viabilizou o desenvolvimento dos grupos socialistas e a sua expansão.
- 10 Professor de história em vários liceus entre 1933 e 1944, período em que foi capturado pelas tropas nazis, devido às suas ligações com intelectuais de esquerda, o autor vai ao pormenor dos factos em cada um desses países, fornecendo as raízes do Socialismo Democrático, que ele define como «um socialismo que se apoia nas instituições parlamentares, bem como na existência de partidos políticos que operam legalmente para atingir os seus objectivos» (DROZ 2014: 13).

- 11 Jacques Droz recorre ao género descritivo para narrar os factos, de forma cronológica, mas também utilizando o que jornalisticamente se designa por pirâmide invertida. Ao mesmo tempo que nos traz um manancial de informações pormenorizadas sobre o insucesso da Internacional Socialista de Karl Marx, motivado pelas divisões internas na Alemanha, o conferencista, e antigo professor da prestigiada Sorbonne, fornece um estudo comparativo entre lugares e gerações diferentes, que, movidos pela necessidade de mudança, procuram o caminho ideal para a construção de uma sociedade justa. O belga Henri de Man ilustra bem esta luta quando diz:
«[...] revolucionário sou, uma vez que a passagem de uma ordem capitalista para uma ordem socialista me parece indissociável de um antagonismo profundo entre duas concepções irredutíveis. O ódio à iniquidade social, à humilhação da dignidade humana, o horror ao egoísmo burguês, ao apetite vulgar pelo benefício, à hipocrisia convencional das gentes como deve ser, que me levaram desde a minha adolescência a revoltar-me contra as concepções do meu ambiente social, exacerbaram-se ao longo dos anos, ao ponto de a atmosfera da sociedade burguesa ter-se-me tornado hoje irrespirável» (Henri de Man, apud DROZ 2014: 341).
- 12 Jacques Droz mostra-nos que, apesar de o objectivo ser comum, a luta pela implantação de uma sociedade mais justa vai confrontar-se com diversas barreiras ideológicas, desde a luta de classes de Marx, passando pelo nacionalismo fascista de Hitler, até às chamadas guerras de baixa intensidade. O cenário é sombrio e os teóricos da nova ordem social vêem-se frustrados diante da dinâmica da sociedade que, amiúde, contraria as teses defendidas num passado recente. As teses de Karl Marx, segundo as quais a emancipação da classe operária será produto dos próprios trabalhadores e que a classe operária não poderia permanecer indiferente à conquista do poder político, são criticadas de forma vigorosa (cf. MARX 2003). Para esses críticos, Marx não previu que a crescente industrialização da produção deixasse, num certo nível de desenvolvimento, de causar um aumento correspondente no número de proletários industriais e na época da racionalização. O progresso mecânico despoeva os ateliers de fábrica e enche os balcões, passando a inundar os escritórios e, por via disso, os bancos e outras instituições financeiras. É na Alemanha onde a crítica a Marx cria divisões profundas no partido Social Democrata.
- 13 Com efeito, a obra em nossas mãos testifica com documentos e depoimentos no final de cada um dos 15 capítulos que a compõe, o ambiente de agitação vivido na velha Europa, quando, ainda o choque das civilizações de Samuel Huntington não opunha espaços geográficos nem religiões diferentes (cf. HUNTINGTON 2007). A religião comum era, sim, a qualidade mais elevada do bem-estar para um maior número possível de homens.
- 14 O socialismo democrático encontrava-se, no entanto, em acirrada oposição com a Internacional Comunista, que lhe retirara uma fracção considerável da sua militância operária. Desde a Segunda Guerra Mundial, aquele já não tinha acesso às democracias populares sujeitas à influência da Rússia Soviética.
- 15 Como sublinhou o próprio autor, apesar de algumas atenuações, a persistência da hostilidade entre os dois blocos (capitalista e comunista), tornou impossível qualquer ruptura explícita. Ou seja, na divisão ideológica da Europa, os socialistas são aqueles que consideram que a sua recuperação está relacionada com a ajuda americana e o Plano Marshall; e se o toleram em alguns dos seus aderentes, condenam fortemente o neutralismo.

- 16 De resto, nesta obra, o autor não se limita a narrar factos passados, mas também faz uma incursão da contemporaneidade e apresenta abordagem prospectiva. É aqui onde reside o vértice para os diferentes cursos leccionados na Faculdade de Ciências Sociais.
- 17 Há, nesta obra, matéria suficiente para os politólogos e sociólogos perceberem o ambiente em que nascem os partidos políticos e as diversas tendências agrupadas em esquerda e direita, elas também nascidas no seio da Democracia Social: os primeiros, são adeptos do marxismo como defensor da causa operária, e os outros, procuram reaproximar-se da realidade do poder político, hostilizando o comunismo Stalinista. Reivindicam reformas económicas e sociais, mas sem pôr em causa a essência do regime capitalista, o que lhes permite expandir a sua clientela a novas camadas sociais. Estas contradições constituíram barreiras para que os partidos socialistas democratas conquistassem o poder na Europa. No final da segunda guerra mundial, o socialismo ficou então entre o radicalismo do comunismo e o conservadorismo do capitalismo. Na Inglaterra, só entre 1945 e 1950, é que o Partido Trabalhista exerceu sozinho o poder; em França e na Itália, os sociais-democratas entraram em coligações, mas dividido por tendências hostis e fragmentadas não conseguiram modificar a estrutura política e social, tendo entregado a iniciativa aos conservadores.
- 18 Na Alemanha, foram empurrados para a oposição. Em 1960, o socialismo ocidental completa uma evolução e abdica do essencial do pensamento marxista e recusa doravante a apresentar-se enquanto doutrina de classe. É isto que surge, pelo menos, na agenda com que se comprometeu a social-democracia alemã em Godesberg, em 1959, e que resulta de inúmeras declarações ou escritos provenientes de socialistas ingleses, franceses ou italianos.
- 19 Portanto, na Europa Ocidental, entre 1945 e 1960, o socialismo democrático tornou-se sombra da própria história, história esta, como o autor demonstra na sua abordagem prospectiva, teima em cristalizar-se no combate a cinco problemas: a necessidade, a doença, a ignorância, a sujidade e a ociosidade forçada. Trata-se de encarregar o Estado de um imenso dever social, comportando a criação de uma rede de segurança social, para estabelecer a gratuidade de todos os cuidados médicos, distribuir alimentos às crianças das escolas e ajuda aos idosos e enfermos, bem como transformar o sistema de ensino.
- 20 Os socialistas estão conscientes da solidez do capitalismo e já não acreditam que a queda seja para amanhã, mas contentam-se em formular a necessidade de velar pelo pleno emprego, mais importantes do que as reformas da estrutura, que virão por si próprias. Se no passado recente, Keynes e Schumpeter substituíram-se a Marx na defesa da causa social, hoje a fronteira entre a esquerda e a direita e entre a democracia social e a liberal é tão ténue que rebenta sempre que as reivindicações do eleitorado o exige.
- 21 É a partir dessa abordagem que, por um lado o estudante, e por outro o investigador de Ciência Política, Sociologia e História, poderão procurar responder à questão deixada de parte pelo autor há várias décadas, mas que encontra eco na realidade actual: «*Para onde vai o socialismo democrático?*»
- 22 Que esta importante obra, num país como Angola, que após a proclamação da sua independência nacional optara pela Revolução Socialista, encontre muitos leitores e que estes, através dela, procurem entender o movimento das mudanças actuais no sistema político mundial.

BIBLIOGRAFIA

- COURTOIS Stéphane et alii, 1999, *O livro negro do comunismo. Crimes, terror e repressão*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- FUKUYAMA F., 2011, *O fim da História e o último homem*. Tradução de Maria Goes. Lisboa, Gradiva.
- HEGEL G.W.F., 2001, *The Philosophy of History*. Ontário, Batoche Books.
- HUNTINGTON S., 2007, *O choque das civilizações da Nova Ordem Mundial*. Rio de Janeiro, Objectiva.
- KEYNES J. M., 1996, *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. Tradução de Mário R. da Cruz. São Paulo, Nova Cultural.
- MARX Karl, 2003, *O Capital: crítica da economia política, Livro 1*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MARX Karl e ENGELS Friedrich, 1998, *The Communist Manifesto: A modern edition*, with an introduction by Eric Hobsbawm. Londres e New York, Verso.
- NAÍM M., 2014, *O fim do poder*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa, Gradiva.
- PLATÃO, 1971, *O Político*. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa, Editorial Presença.
- SCHUMPETER Joseph, 1984, *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- SCHUMPETER Joseph, 1949, *Essays: On entrepreneurs, innovations, business cycles, and the evolution of capitalism*. New Brunswick e Londres, Transaction Books.
- SMITH Adam, 1996, *A riqueza das nações*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo, Nova Cultural.
- STALIN Joseph, 1954, *Works (1901-1907), volume I*. Moscovo, Foreign Languages Publishing House.

AUTOR

ALBERTO COLINO CAFUSSA

albertocafussaa@gmail.com

Assistente do Departamento de Ciência Política (DCP) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN) e doutorando em Estudos Estratégicos pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa.

(FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN) e docente do Departamento de Ciência Política da mesma instituição académica. Actualmente, prepara a sua tese de doutoramento em Estudos Estratégicos, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa, Portugal. Entre outros estudos, é autor das obras seguintes: *O GURN entre a guerra e a paz* (Luanda, Edições Mulemba; Mangualde, Edições Pedagogo, 2014, 150p.) e *A tendência de voto do eleitor angolano nas eleições legislativas de 2008* (Luanda, Kilombelombe [«Temas e debates»; 2], 2012, 208p.). Além de extensa produção jornalística nas áreas de política e economia, publicou os artigos seguintes: «O papel do GURN na pacificação e reconciliação de Angola», *Revista Angolana de Sociologia* (Luanda), n.º 2, 2010, pp. 53-68; «A nova geografia eleitoral: o caso das eleições de 2008», *Mulemba - Revista Angolana de Ciências Sociais* (Luanda), vol. II, n.º 4, Novembro de 2012, pp. 41-69. Jornalista profissional, passou pelos jornais *Angolense* (Luanda), *Semanário Angolense* (Luanda), tendo sido chefe de redacção do jornal *Semanário Económico* (Luanda). Está, ainda hoje, vinculado ao *Jornal de Angola* (Luanda).